



**UEPB**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - CAMPUS I

CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

DANIELLE DA SILVA BARROS

**ARTE E CULTURA NORDESTINA: UMA EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DO 4º  
ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

CAMPINA GRANDE-PB

JULHO/2022

DANIELLE DA SILVA BARROS

**ARTE E CULTURA NORDESTINA: UMA EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DO 4º  
ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à coordenação do Curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro de Educação, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/campus I), como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Área de Concentração: Educação

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Valdecy Margarida da Silva

CAMPINA GRANDE-PB

JULHO/2022

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B277a Barros, Danielle da Silva.  
Arte e cultura nordestina [manuscrito] : uma experiência com alunos do 4º ano do ensino fundamental / Danielle da Silva Barros. - 2022.  
52 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Valdecy Margarida da Silva, Coordenação do Curso de Computação - CCT."

1. Cultura. 2. Manifestação cultural. 3. Arte. 4. Diversidade cultural. I. Título

21. ed. CDD 301

Danielle da Silva Barros

**ARTE E CULTURA NORDESTINA: UMA EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DO  
4º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à coordenação do Curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro de Educação, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/campus I), como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Aprovada em: 28/07/2022.

**BANCA EXAMINADORA**



---

Profa. Dra. Valdecy Margarida da Silva - (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Profa. Dra. Paula Almeida de Castro (Examinadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Profa. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro - (Examinadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

## AGRADECIMENTOS

Minha lista de agradecimentos não é tão extensa. Porém, é carregada de emoção! Primeiramente devo agradecer presença de Deus nos momentos mais difíceis da minha vida, dando-me força e coragem para não desistir e chegar até aqui.

Agradeço o apoio da minha família pelo amor e incentivo que sempre me deram. Ao meu esposo que mesmo diante de todas as adversidades de um casal, esteve ao meu lado. A meus filhos, verdadeiro tesouro, a razão para que tudo tenha sentido em minha vida.

À Escola Carmela Veloso, que me acolheu como educadora e me “emprestou” suas práticas educacionais para que eu realizasse o estudo.

Agradeço a esta Universidade, seu corpo docente, direção e administração, que oportunizaram a chance e todas as ferramentas pertinentes para essa trajetória educacional e profissional, com competência e ética para o encerramento de um ciclo tão almejado.

Agradeço à Professora Dra. Val Margarida, pois se não fosse a sua disponibilidade não estaria aqui descrevendo o meu trabalho. És um exemplo de profissional que levarei por toda minha vida, por ser tão solícita, generosa e paciente comigo nos momentos de encaminhamentos e de ajuda para a elaboração da pesquisa.

Aos amigos, anjos que Deus colocou em minha vida, que me ajudam, apoiam e me dão força e alegria para continuar a batalha.

A todos e todas que me ajudaram no percurso!

Obrigada!

## RESUMO

Este artigo visou relatar um trabalho pedagógico desenvolvido em sala de aula vivenciado com a arte e a cultura nordestina que objetivou contribuir para a socialização, a discussão de diferentes saberes no ambiente escolar e as implicações que a escola e professores enfrentam, para incluir a diversidade cultural, tanto no currículo, como em suas práticas em sala de aula. O estudo de campo ocorreu em uma escola particular da cidade de Campina Grande/PB com discentes da turma do 4º ano, entre 8 e 9 anos, do turno manhã e tarde, durante o período de maior festividade junina, junho de 2022. A referente pesquisa possui uma abordagem qualitativa para a formulação de dados e aprofundamento teórico de revisão bibliográfica que elenca alguns estudiosos importantes dentre eles: Arroyo (2013), Buoro (2000), Barbosa (2015), Ferraz (2010), Konder (2002), Macedo (2014). Os objetivos específicos desta pesquisa consistem em: 1. Debater os conceitos de arte e cultura; 2. Analisar a implementação do ensino de Arte proposto pela BNCC; 3. Desenvolver, através do ensino de Arte, habilidades e competências almejadas pela BNCC; 4. Valorizar, preservar e difundir a cultura nordestina; 5. Favorecer o desenvolvimento do sentimento de pertença ao grupo social e cultural nordestino; 6. Motivar os educandos, através da arte, ao reconhecimento e resgate de suas raízes nordestinas. O trabalho desenvolvido foi de grande importância porque possibilitou que os (as) alunos (as) pudessem explorar a riqueza das manifestações culturais por meio de expressões artísticas, estudando-se elementos históricos de origem e ancestralidade e, assim se apropriando da história de sua região e compreendendo a origem de seus hábitos e costumes, com foco no desenvolvimento da tolerância ao diferente, valorização das raízes e reforço à autoestima e identidade de cada um.

**Palavras-chaves:** Cultura; manifestação cultural; arte; diversidade cultural.

## **ABSTRACT**

This article aimed to report a pedagogical work developed in the classroom experienced with the art and culture of the Northeast that aimed to contribute to socialization, the discussion of different knowledge in the school environment and the implications that the school and teachers face, to include cultural diversity, both in the curriculum and in their classroom practices. The field study took place in a private school in the city of Campina Grande/PB with students from the 4th grade class, between 8 and 9 years old, in the morning and afternoon shifts, during the period of greatest June 2022 festivities. This research has a qualitative approach to data formulation and theoretical deepening of a bibliographic review that lists some important scholars among them: Arroyo (2013), Buoro (2000), Barbosa (2015), Ferraz (2010), Konder (2002), Macedo (2014). The specific objectives of this research consist of: 1. Debating the concepts of art and culture; 2. Analyze the implementation of the teaching of Art proposed by the BNCC; 3. Develop, through the teaching of Art, skills and competences desired by BNCC; 4. Value, preserve and spread the Northeastern culture; 5. Favor the development of the feeling of belonging to the Northeastern social and cultural group; 6. Motivate students, through art, to recognize and rescue their Northeastern roots. The work developed was of great importance because it allowed students to explore the richness of cultural manifestations through artistic expressions, studying historical elements of origin and ancestry and, thus, appropriating the history of their region. and understanding the origin of their habits and customs, with a focus on developing tolerance for differences, valuing their roots and strengthening each person's self-esteem and identity.

**Keywords:** Culture; cultural manifestation; art; cultural diversity.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
1.1	Arte e Cultura Nordestina: algumas considerações... ..	12
1.2	O Ensino da Arte.....	14
1.3	A Arte na BNCC .....	17
1.4	As manifestações culturais do Nordeste e o movimento naif .....	19
<b>2</b>	<b>METODOLOGIA .....</b>	<b>23</b>
<b>3</b>	<b>ARTE E CULTURA NORDESTINA: A EXPERIÊNCIA VIVENCIADA COM OS ALUNOS DO 4º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL .....</b>	<b>24</b>
<b>4</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>48</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>50</b>



## 1 INTRODUÇÃO

Cultura é tudo aquilo que é produzido pelo ser humano. Assim, toda pessoa humana é produtora de cultura, que não é privilégio de certos grupos sociais nem pode ser atribuída à escolarização formal. A cultura é um fenômeno plural, multiforme, heterogêneo e dinâmico que está presente em nossas vidas desde que surgimos no meio familiar, através dos usos, costumes e tradições que constroem a história de cada um de nós. Cultura é, também, o conjunto de padrões de comportamentos, crenças e manifestações artísticas e sociais, de um povo ou civilização, representando um caminho pelo qual a vida se processa.

Como propõe Da Matta (1981), a cultura pode ser entendida como a maneira de viver de um grupo, sociedade, país ou pessoa. Segundo este autor, a cultura é um mapa, um código, através do qual as pessoas de determinados grupos se identificam com aspectos, conjunto de práticas, saberes, normas e valores fundamentais para as relações sociais nela estabelecidas.

Quando remetemos à cultura e educação, podemos dizer que são fenômenos intrinsecamente ligados, pois, juntos, tornam-se elementos socializadores, capazes de modificar a forma de pensar dos educandos e dos educadores. Quando adotamos a cultura como uma aliada no processo de ensino-aprendizagem, estamos permitindo que cada indivíduo que frequenta o ambiente escolar seja participante do processo educacional. Candau e Moreira (2003) defendem a ideia de que a educação não pode sobreviver sem a cultura e nem a cultura sem a educação.

Percebemos, então, que a escola é um lugar de encontro de diversas culturas, etnias, gêneros, costumes, valores, religiões, entre outros, demonstrando, portanto, sua ligação com a cultura. Nesse sentido, é importante que a instituição escolar assuma um novo olhar, postura e trabalho de reconhecimento, valorização e respeito às diferenças.

Trabalhar com diversos grupos sociais é saber conviver e respeitar as diferenças, o que, muitas vezes, torna-se um desafio para a escola, em decorrência de os conteúdos programáticos e temáticas mostrarem-se distantes do universo de vivência dos alunos.

Diante dessa problemática, Candau e Anhorn (2000, p.2) afirmam que "hoje se faz cada vez mais urgente a incorporação da dimensão cultural na prática pedagógica". Essas autoras defendem uma abordagem pedagógica pautada numa

perspectiva de educação multicultural, ou seja, dever-se-ia incluir essa discussão no currículo escolar e, sem dúvida, nos projetos da escola.

Podemos considerar que a cultura desempenha um importante papel no processo de aprendizagem, pois ela permite aos educandos e educadores, além da socialização, a discussão de diferentes saberes no ambiente escolar e a capacidade de explorar a riqueza das manifestações culturais, estudando-se elementos históricos de origem e ancestralidade e, assim, perceber-se como agente ativo e participativo nessa construção identitária.

Compreendemos, então, que quando conhecemos nossas raízes, nossa realidade começa a ter sentido, pois passamos a entender melhor as mudanças que acontecem na atualidade e as que acontecerão no futuro. Dessa forma, consideramos importante que as escolas do Nordeste valorizem as manifestações culturais de sua região, pois vemos, em muitas escolas, livros didáticos e professores priorizando culturas externas.

Ressaltamos, portanto, a importância de uma educação ampla, em que os (as) alunos (as) tenham a oportunidade de conhecer diferentes manifestações culturais, reconhecendo o espaço que ocupam, se apropriando da história de sua região e compreendendo a origem de seus hábitos e costumes. Em suma, a escola como palco de toda e qualquer representação cultural que é crescente na vida do aluno deve atentar para a valorização daquilo que ele conhece. (bagagem cultural do aluno)

O referente artigo trata-se de uma pesquisa qualitativa, que tem por objetivo geral apresentar o relato de experiência no espaço escolar: sala de aula, durante a aplicação do projeto sobre a importância da valorização da cultura regional com foco nas áreas de conhecimento Linguagens e Ciências Humanas (História, Arte, Geografia e Língua Portuguesa), relacionando-as com a temática principalmente com o ensino da Arte. O público alvo são alunos da turma do 4º ano, entre 8 e 9 anos, do turno da manhã e à tarde, num total de 26 discentes, de uma instituição privada de ensino que está localizada na cidade de Campina Grande/PB.

Vários autores foram utilizados como aporte teórico que perpassam pela área do ensino da arte e da cultura como: Ana Mae Barbosa (2003), a qual trouxe grandes contribuições para Arte/Educação brasileira, sendo pioneira nesta questão; Darcy Ribeiro(1996), foi um antropólogo, sociólogo, educador, escritor e político brasileiro, destacou-se por seu trabalho em defesa da causa indígena e da educação no país; Buoro (2000), tem experiência na área de Artes, com ênfase em História da Arte,

atuando principalmente nos seguintes temas: arte-educação, arte, artes visuais e cultura. Esses e outros teórico embasaram o nosso referencial teórico nos dando direcionamento para obtenção de dados capazes de analisar e aprofundar discussões e reflexões mediante ao tema. Os objetivos específicos desta pesquisa consistem em: 1. Debater os conceitos de arte e cultura; 2. Analisar a implementação do ensino de Arte proposto pela BNCC; 3. Desenvolver, através do ensino de Arte, habilidades e competências almejadas pela BNCC; 4. Valorizar, preservar e difundir a cultura nordestina; 5. Favorecer o desenvolvimento do sentimento de pertença ao grupo social e cultural nordestino; 6. Motivar os educandos, através da arte, ao reconhecimento e resgate de suas raízes nordestinas.

Subdividimos o estudo em três capítulos. No primeiro capítulo Arte e Cultura Nordestina: algumas considerações, abordamos o conceito de arte e cultura onde ambas estão entrelaçadas desde os primeiros indícios de seres humanos. Como subtópicos do capítulo I, estão: O Ensino da Arte: procuramos destacar as transformações ao longo da sua trajetória e seus desafios para ser reconhecida e valorizada como componente curricular, mediante o papel fundamental social e cultural; No tópico “A Arte na BNCC”: levantamos a contrariedade na Base, pois o texto integral sugere a valorização de tal componente curricular e dos conhecimentos a ele relacionados, mas não oferece a quantidade de aulas necessárias impossibilitando à conexão com as singularidades de cada área artística; As manifestações culturais do Nordeste e o movimento naif: apresenta ampla diversidade cultural, composta por manifestações que unificam povos e gerações e que atribuem valores significativos às experiências e vidas de cada região; No II capítulo é abordado a metodologia utilizada nesta pesquisa, para obtenção de dados capazes de analisar e aprofundar discussões sobre o ensino da arte e a cultura nordestina; E por último, no capítulo III: Arte e Cultura Nordestina: A Experiência Vivenciada com os Alunos do 4º Ano do Ensino Fundamental, apresentamos dados e análises dos mesmos, mostrando os resultados obtidos na pesquisa. O tópico conclusivo deste trabalho apresenta as considerações finais com algumas observações feitas. Dentre elas a importância de manter essa modalidade de ensino, “Arte e Cultura”, presente em nossa sociedade, principalmente no ensino regular formal.

### 1.1 Arte e Cultura Nordestina: algumas considerações...

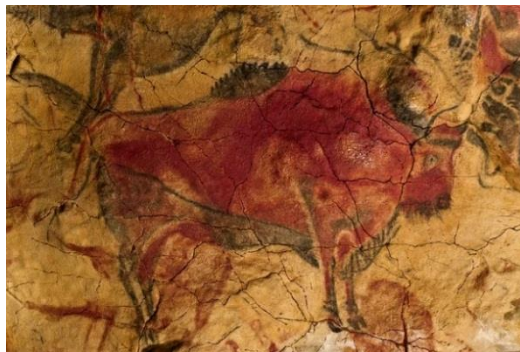
Por arte, a compreensão moderna faz referência a toda atividade que é realizada no intuito de criar obras com valor estético e que tenha forma e significado particular para quem produz e para quem vê e analisa a obra. Porém, é importante mencionar que o conceito de arte é um conceito abstrato e a sua definição pode variar de acordo com a cultura.

Sendo assim, o que é cultura aos olhos de determinada cultura ocidental, pode não ter o mesmo sentido em uma cultura oriental, por exemplo. A designação do termo arte tem origem no idioma latino e remete a “ars”, que significa técnica ou habilidade. Geralmente a arte é um reflexo da época e cultura vivida.

Podemos dizer que a arte existe desde os primeiros indícios do desenvolvimento humano, inicialmente utilizada para suprir necessidades de sobrevivência, dando forma a objetos de pedra, madeira e ossos, como também registros de pinturas nas paredes conhecidas como pinturas rupestres. Os traços empregados para representar animais temidos eram cheios de movimentos e força. Já os animais mais dóceis como renas e cavalos eram feitos de forma delicada, revelando leveza e fragilidade.

Figura 1

Exemplo de arte rupestre – representação de bisão na Caverna de Altamira (Espanha)



Fonte: Arquivo Google

Buoro (2000, p. 29) destaca que “[...] no percurso da história não há civilização que não tenha produzido arte.” Desde o período pré-histórico, a arte esteve presente nas mais diversas áreas da vida do homem, conforme Fischer (1987, p.45) “Nos alvares da humanidade a arte pouco tinha a ver com “beleza” e nada tinha a ver com a contemplação estética: era um instrumento mágico, uma arma da coletividade

humana em sua luta pela sobrevivência.” Para o homem pré-histórico, era fundamental representar suas crenças, seus anseios, valores, hábitos, costumes e suas necessidades por meio das representações artísticas.

Segundo D’Aquino (1980):

Arte antes de tudo é criação ou recriação de sentimentos expressos na natureza, através de imagens (linhas, formas, cores, etc.) bem compostas. Essas imagens eternizam emoções individuais ou coletivas (dor, alegria, angústia, amor, ódio, etc.). Por isso a pintura e a escultura, a música e a dança estão entre as mais importantes manifestações do espírito humano. Através delas podemos visualizar e compreender melhor o passado e também a nós mesmo porque somos resultado de nossos antepassados. (D’AQUINO, 1980, p. 3).

Sendo assim, podemos refletir sobre a necessidade humana de se expressar, expor suas ideias, uma vez que por meio do fazer artístico o homem libera suas emoções, manifesta sua história e sua cultura. Dessa forma, a arte é desenvolvida com intuito de mostrar o pensamento do artista e expressar os sentimentos, por meio de correntes de estilo e estéticas diferentes. Estilo e Estética são as suas manifestações. Estilo é a forma da obra e Estética é o fundamento da Arte.

Por meio de manifestações artísticas e obras, é possível conhecer a cultura de uma sociedade ou de um grupo. Embora o conceito de arte seja difuso e possa ser diferente conforme a cultura, ambas estão totalmente entrelaçadas. É importante ressaltarmos que em virtude da variedade de significados da palavra cultura que deriva do latim “colere”, que deu origem tanto a expressões de cuidado quanto a expressões que designam conjuntos de conhecimento e hábitos de determinadas sociedades, é difícil ter um conceito peremptório.

Podemos nomear, com a palavra cultura, o cultivo de vegetais (a cultura de tomates ou o cultivo de tomates), o cultivo do conhecimento humano alcançado pela racionalidade e pelo senso estético (quando nos referimos a uma pessoa culta, justificando que ela é letrada, erudita, que conhece vários idiomas ou é conhecedora de arte) e a cultura de um povo, de uma região, de uma nação, que se apresenta em suas diversas facetas: religião, arte, culinária, pintura, costumes, conhecimento, festividades, histórias populares etc.

De todas essas formas a que a palavra cultura pode remeter, a última é a que trataremos neste trabalho, a cultura de um povo. Se pensarmos no Brasil temos uma

vasta e rica cultura nordestina, tomemos, como exemplos, o cordel nordestino; a literatura de Ariano Suassuna; o forró considerado “supergênero” por agrupar vários ritmos, como o baião, o xote e o xaxado, considerado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) patrimônio imaterial brasileiro; o artesanato com sua renda renascença; a pintura na qual destacamos a Arte Naif, reconhecida como diversidade de cores e tonalidades fortes, desenvolvida quase sempre por artistas autodidatas, agora é patrimônio cultural imaterial da Paraíba, foi aprovado pela Assembleia Legislativa e a lei foi publicada no Diário Oficial do Estado na quarta-feira dia 11 de 2019, o texto também reconhece a cidade de Guarabira como ‘Capital Cultural da Arte Naif’. Enfim, a cultura do Nordeste possui uma grande pluralidade.

Uma das mais importantes regiões na construção do Brasil nos aspectos históricos, econômicos e culturais é a Região Nordeste. A riqueza cultura que possui se deve principalmente à diversidade étnica de seus primeiros habitantes: povos indígenas, europeus e africanos. Diante da riqueza de aprendizado que a cultura e arte nordestina pode proporcionar, desenvolvemos esta pesquisa com intuito de agregar novos conhecimentos e despertar diversos aspectos que envolvem a Região Nordeste, além de (re)conhecer e valorizar essa fantástica região.

## **1.2 O Ensino da Arte**

Historicamente, o ensino da arte tem passado por inúmeras transformações ao longo da sua trajetória e, certamente, seguirá se modificando. Através da LDB 5692/71, a educação artística (artes plásticas, educação musical e artes cênicas) passou a fazer parte do currículo escolar do ensino fundamental e médio. Depois de 25 anos, a LDB nº 9.394/96, em seu art.26, § 2º, estabeleceu que é obrigatório o ensino de arte na educação básica, nos seguintes termos: “[...] o ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos” (BRASIL, 1996, p. 16).

Em 1980, a pesquisadora Ana Mae Barbosa desenvolveu um método de ensinar que revolucionou o ensino da arte por meio da Proposta Triangular, que se sustenta em três pilares: conhecer a história, o próprio fazer artístico e saber apreciar uma obra de arte. Tal proposta pedagógica associava a liberdade de expressão a algum tipo de conhecimento sistematizado e isso fez com que os professores pudessem repensar também suas práticas pedagógicas, envolvendo tanto o professor

quanto o aluno, suas vivências e manifestações artísticas e culturais. Dessa maneira, o ensino passa a ter uma nova visão: a arte não é somente uma disciplina comum da educação básica, mas é o reflexo do fazer, do pensar e do agir do indivíduo (BARBOSA, 2003).

Percebemos que o ensino da arte, mesmo inserido há tempos nos currículos escolares, ainda não é trabalhado de maneira apropriada, por um lado, há profissionais que o utilizam em suas disciplinas como suporte, outros se equivocam com o fazer artístico, tornando-o uma atividade recreativa.

Neste sentido, é importante que o educador compreenda a importância do ensino da arte em todo currículo escolar e fora dele, para que haja um total desenvolvimento social dos estudantes. Fusari e Ferraz (2001) afirmam que o trabalho transforma e constrói o professor de arte mediante sua práxis cotidiana, na qual é necessário saber arte, saber os conteúdos e procedimentos, para fazer com que o aluno deles se aproprie.

Assim, quando se trata do ensino da arte aliado às diversas práticas em sala de aula, salientamos o que nos apresentam Ferraz e Rezende (1999): é necessária a formação do professor, para que haja uma significativa noção do ensino de arte e habilidades culturais nas produções artísticas em suas diversas modalidades (artes visuais, verbais, dança música, teatro, artes audiovisuais, entre outras).

O professor tem um papel importante para que os alunos aprendam a desenvolver o fazer artístico com prazer e criatividade, para que possam gostar de fazer arte ao longo da trajetória estudantil e da vida. Tal gosto por aprender nasce também da qualidade da mediação que os professores realizam entre os aprendizes e a arte.

Para desenvolver um bom trabalho de Arte, o professor precisa descobrir quais são os interesses, vivências, linguagens, modos de conhecimento de arte e práticas de vida de seus alunos. Conhecer os estudantes na sua relação com a própria região, com o Brasil e com o mundo, é um ponto de partida imprescindível para um trabalho de educação escolar em arte que realmente mobilize uma assimilação e uma apreensão de informações na área artística. (FERRAZ E FUSARI, 2001:22)

É importante que o aluno tenha uma base sólida artística dentro da escola, sendo este o lugar que frequenta e participa grande parte de sua vida, tornando-se sensível ao observar as mais diversas situações e aprende a refletir de forma mais ampla, dando sentido às inúmeras informações que tem aproximação. É neste sentido

que o ensino de Arte vem contribuir com as demais disciplinas, pois permite ao aluno absorver e dialogar, opinar e fazer com que suas ideias não se bastem somente em senso comum, mas pela frenética procura de dados, que constatem e afirmem a veracidade dos fatos.

Desta maneira, o professor que leciona Arte, mesmo não tendo a formação específica, deve buscar conhecimentos que deem suportes à sua prática educativa, devido à relevância desta disciplina na vida dos alunos.

É necessário provocar e despertar nos alunos a vontade de querer algo além do que é desenvolvido em sala de aula, tendo em vista uma nova forma de observar as mais variadas situações, até mesmo fora do ambiente escolar.

Compete, então, ao professor responsável pelas aulas de Arte, mediar e atrair a vontade pela busca e pela pesquisa, despertando a curiosidade, difundindo novos elementos, indagando e gerando dúvidas, que deixem os alunos instigados e inquietos por respostas, gerando, assim, uma vasta construção de conhecimento. Essa curiosidade deve ser guiada até que se torne objetiva, não sendo somente ingênua ou de senso comum, mas aprimorada com o professor mostrando caminhos e dando livre arbítrio para que o aluno exprima as suas próprias manifestações, permitindo ao educando opinar e atuar como cidadão crítico. Assim sendo, o papel do professor é o de:

Valorizar o repertório pessoal de imagens, gestos, “falas”, sons, personagens, instigar para que os aprendizes persigam ideias, respeitar o ritmo de cada um no despertar de suas imagens internas são aspectos que não podem ser esquecidos pelo ensinante de arte. Essas atitudes poderão abrir espaço para o imaginário. (MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 1998, p. 118)

Percebemos que o ensino da arte precisa ser realmente reconhecido e aprofundado. É interessante ter um olhar mais atento sobre esse componente curricular ao longo da escolarização. Que a sociedade reconheça não somente as disciplinas do currículo, mas também a grande contribuição que a arte exerce nos âmbitos social e cultural, acatando as potencialidades da arte para facilitar o ensino e aprendizagem dos demais componentes curriculares.

Assim, concluímos que a Arte deve ser colocada como disciplina formadora de opinião, pela qual os conteúdos trabalhados não se resumam a meros desenhos, trabalhos manuais, ou cantigas e representações sem sentido. Ao contrário disto, a Arte deve propiciar que cada situação apresentada gere diálogo e discussões,



permitindo ao aluno expor o que pensa e interagir com o grupo, trocando informações, ideias e socializando, além de ser instigado a refletir e raciocinar sobre manifestações simples e complexas. Sempre respeitando a idade e o nível de desenvolvimento do aluno, o professor deve buscar dar significação e conjugação de forma única e pessoal ao conteúdo exposto, permitindo que isso seja debatido e que todos tenham direito e oportunidade de opinar e defender suas convicções, ponderando a igualdade entre todos.

### **1.3 A Arte na BNCC**

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o componente curricular Arte, no Ensino Fundamental, é organizado em quatro linguagens: a música, o teatro, a dança e as artes visuais. O documento aponta, ainda, que cada linguagem configura uma unidade temática que propicia o desenvolvimento das seguintes dimensões do conhecimento: criação, crítica, estesia, expressão, fruição e reflexão. Ressalte-se que a evolução desses aspectos pelos alunos implica o possível alcance das competências propostas pela BNCC, tais como percepção, capacidade de criação, interpretação, análise da produção cultural e contexto de mundo.

A partir da análise da BNCC, nota-se que as especificações voltadas para o componente curricular Arte busca promover a compreensão do mundo por meio das emoções, mas que na área de conhecimento em que está inserida, Linguagens, não encontra apoio. Nesse sentido, Konder (2002) aponta que é necessário, para apreendermos o mundo, a ampliação das referências e do descobrimento da dimensão poética da vida, pois a nossa capacidade de racionalizar não é suficiente para compreender o todo, e a Arte possibilita uma percepção estética e mais apurada do mundo, exigindo de nós uma profunda ampliação e revisão contínua da razão. No entanto, este autor alerta que não deve haver uma oposição ao racionalismo em detrimento da sensibilidade, pois essas duas instâncias se complementam e colaboram para a apreensão da realidade por diferentes meios.

Na prática, isto é, em sala de aula, a implementação do ensino de Arte proposto pela BNCC limita o potencial do trabalho artístico realizado na escola, considerando que a redução de carga horária para uma aula por semana constitui um dos principais entraves e ocasiona prejuízos pela falta de tempo para trabalhar as especificidades demandadas pelos conteúdos referentes à disciplina. Nesse contexto, é possível

afirmar que há contradição na Base, pois o texto integral sugere a valorização de tal componente curricular e dos conhecimentos a ele relacionados, mas não oferece a quantidade de aulas necessárias, o que não possibilita conseqüentemente, à conexão com as singularidades de cada área artística, além de conferir superficialidade à teoria, à prática e ao desenvolvimento técnico. A quantidade de páginas dispensada para Arte no documento, por exemplo, corrobora esta constatação, tendo em vista que apresenta apenas 11 páginas, enquanto as outras disciplinas contêm um arcabouço teórico entre 20 e 30 páginas, demonstrando uma visão de menor importância para o desenvolvimento artístico.

Segundo Konder (2002), o contato com a arte proporciona um pensamento flexível e fluido em relação às disciplinas de outras áreas do conhecimento, bem como auxilia na percepção do alcance social das manifestações artísticas. Dessa forma, é possível verificar a relevância da Arte na formação de crianças, jovens e adultos, haja vista que ela propicia aos sujeitos um autoconhecimento que não pode ser adquirido apenas pela Ciência. Este filósofo chama a atenção para o fato de que a arte não está livre da ideologia, mas que possibilita uma superação parcial das distorções ideológicas por meio de obras que alcançam o objetivo de criação.

Ressalte-se que a superação ideológica supracitada só é possível por meio de um trabalho artístico-pedagógico consistente, no qual o artista e/ou educador consiga enxergar as marcas da ideologia na sua poética e na sua prática educativa. A leitura do texto da BNCC, acerca do componente curricular Arte, permite observar a concepção de uma área comprometida com a ideologia dos grupos dominantes, o que reduz o ensino dessa disciplina à pura expressão livre, sem a preocupação de proporcionar aos estudantes um entendimento mais consistente da forma na arte, ou seja, os conteúdos constitutivos do processo artístico. Assim, os estudantes terão uma formação limitada que não contribuirá para compreensões críticas frente à arte e à sociedade.

Diante de tais observações, culmina a impressão de que há uma tentativa de remover do ensino de Arte o seu teor crítico e reflexivo, o que propiciaria a formação de sujeitos conformados, leigos e absteridos de criticidade. Esta visão artificial da arte se opõe aos estudos de Barbosa (2015), que reconhece a arte como um tipo de conhecimento humano no qual é possível expressar/denunciar de forma criativa os males da sociedade, e de Konder (2002, p. 217-218), que assevera “a arte tem sido, predominantemente, expressão de insatisfação, de questionamento, frequentemente

de revolta, em face do modo como está organizada a sociedade”. Compreende-se, assim, que a promoção de um ensino superficial de Arte pode abafar a força vital da imaginação das crianças, jovens e adultos na escola.

Considerando o aspecto imaginário e regional de cada indivíduo, não podemos descartar, também, a pluralidade que faz parte das raízes de cada um, abarcando especificidades e manifestações culturais. Sob esse viés, é impossível pensar em um ensino unificado de Arte, conforme propõe a Base, pois o aluno que é natural da região Nordeste, por exemplo, vivencia a cultura local e não parece justo que obtenha apenas noções da produção cultural do Sul e Sudeste, como há muito vem sendo proposto no currículo. Esta prática equivocada colabora para a negação de seu saber artístico cultural, que seria, principalmente o nordestino, em detrimento de outras regiões.

#### **1.4 As manifestações culturais do Nordeste e o movimento naif**

A cultura de uma região é simbolizada pelas diversas manifestações das tradições e costumes que dão origem à construção da identidade cultural daquele povo. Alguns desses elementos que permanecem na história através da transmissão de uma geração para outra, contribuindo para a constituição de uma cultura, são: dança, culinária, músicas, ritmos, vocabulário, arte e religião.

Segundo Pedroso (1999), “um povo que não tem raízes acaba se perdendo no meio da multidão. São exatamente nossas raízes culturais, familiares, sociais, que nos distinguem dos demais e nos dão uma identidade de povo, de nação”. No entanto, é notável que o acelerado processo de globalização vem interferindo na permanência das manifestações culturais, pois a facilidade com a qual as pessoas se deslocam e trocam informações acaba modificando ou agregando novos valores a essa identidade, além da tentativa de conhecê-la em um modelo capitalista que prioriza mais o que vem de fora do que aquilo que já nos pertence. Nesse contexto, para evitar a descaracterização ou o esquecimento de uma cultura, é preciso buscar meios de repassar as tradições para as próximas gerações, bem como incentivá-las sobre a importância da manutenção da cultura popular para a construção e pertença da própria identidade.

O Brasil é considerado um país rico no que se refere à diversidade cultural, pois cada uma das cinco regiões que o compõem (Nordeste, Norte, Sul, Sudeste e Centro-Oeste) apresenta um amplo arcabouço de cultura advinda do local, de vários povos,

da miscigenação. Considerando esta informação, é imprescindível compreender que este patrimônio inestimável precisa ser preservado, respeitando-se suas origens e significados para o povo

Na região Nordeste, elencada como um dos objetos de estudo deste trabalho, muitas manifestações culturais se destacam, a exemplo da literatura. Nomes como Ariano Suassuna, Patativa do Assaré, José Lins do Rego, Augusto dos Anjos, Raquel de Queiroz, Jorge Amado, dentre outros, produziram obras que muito contribuíram para a construção de um imaginário específico da região. Enquanto isso, a poesia popular é representada pela literatura de cordel, originalmente oral, e depois impressa em folhetos expostos para venda, pendurados em cordas. No Brasil, a literatura de cordel é típica do Nordeste, sobretudo dos estados de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará.

Na dança, merecem evidência o maracatu, manifestação cultural da música folclórica pernambucana afro-brasileira, praticado em diferentes cidades do Nordeste; o frevo, que é exibido, principalmente, no carnaval de Pernambuco; o bumba-meu-boi, dança do folclore popular brasileiro, com personagens humanos e animais fantásticos, que gira em torno da morte e ressurreição de um boi; o xaxado, muito praticado pelos cangaceiros pernambucanos, em comemoração às suas vitórias; o tambor de crioula, característico do Maranhão; as quadrilhas juninas, populares na Paraíba e em outros estados; e diversas variantes do forró, comuns em todo o Nordeste.

No tocante às músicas, ritmos como coco, baião, xaxado, xote, axé, samba de roda e outros compõem a tradição do povo nordestino. Um dos principais representantes da música popular brasileira é Luiz Gonzaga (1912-1989), o criador da “música nordestina”, notadamente o Rei do Baião, como ficou conhecido no Brasil. Este artista retratava em suas canções a pobreza e as injustiças no Sertão Nordestino, além dos fatores positivos daquela localidade.

Luiz Gonzaga assume a identidade de ‘voz do Nordeste’, que quer fazer sua realidade chegar ao Sul e ao governo. Sua música ‘quer tornar o Nordeste conhecido em todo o país’, chamando atenção para seus problemas, despertando o interesse por suas tradições e ‘cantando suas coisas positivas’. (ALBUQUERQUE, 2001, p.157).

As canções deste renomado artista também abordam aspectos religiosos, considerados elementos de identidade regional. Ainda, é possível encontrar essa

temática nos cordéis ou na literatura de outros artistas regionais, como Ariano Suassuna, autor da obra *Auto da Compadecida* (1955), um clássico absoluto do cinema nacional, que refletiu com maestria a realidade daqueles que não perdem a fé e lutam pela sobrevivência em meio às adversidades.

A religiosidade é igualmente notável nos festejos juninos, que consistem em uma homenagem a três santos católicos: Santo Antônio, São João e São Pedro. Estas comemorações têm origem na transição da Idade Antiga para a Idade Média, com a cristianização dos romanos e dos povos bárbaros, quando essas festividades passaram a ser assimiladas pela Igreja Católica, que, como principal instituição do período medieval, conseguiu diluir o culto aos deuses pagãos do período junino e substituí-los pelos santos.

Com a colonização do Brasil pelos portugueses, a partir do século XVI, as festividades juninas aqui foram se estabelecendo e ganhando suas particularidades. No Nordeste, além de manterem as características herdadas da Europa, como a celebração dos dias dos santos, também foram agregados elementos típicos do interior do país e de tradições sertanejas, forjadas pela mescla das culturas africana, indígena e europeia. Sendo assim, as comidas típicas como a pamonha, as danças, o uso de instrumentos musicais como a viola caipira nas festas e outros, refletem milênios de tradições diversas que se fundiram.

Outro fator de destaque é a representatividade e o resgate da cultura popular, com cenas típicas do Nordeste, como rodas de Capoeira, danças do folclore regional e manifestações religiosas do povo nordestino, através da arte naif, caracterizada pela perspectiva pura e simples de seus artistas em relação ao mundo e também pela liberdade de criação. Mesclando ingenuidade, espontaneidade e pureza, a arte naif brasileira é marcada por suas características singulares, como a forma instintiva de criar e a produção por artistas autodidatas.

Demonstrando inspiradora liberdade, os artistas desse movimento produzem trabalhos com estética e estilo próprios. Logo, elaboram peças repletas de cor e simplicidade, retratando o espírito livre da criação. Assim, não se detêm a conceitos preestabelecidos ou a técnicas de elevada precisão

Observa-se, então, que a <sup>1</sup>arte naif no Brasil está bastante atrelada ao folclore e à cultura popular, podendo ser observada, por exemplo, em muitas xilogravuras de

---

<sup>1</sup> Arte naif é um conceito que designa a produção de artistas autodidatas que desenvolvem uma linguagem pessoal e original de expressão.

cordel produzidas por alguns artistas brasileiros, como Mestre Vitalino, Djanira da Motta e Silva e Heitor dos Prazeres. Destacamos, também, alguns nomes entre os principais artistas da arte naif, como Antônio Poteiro (Braga/PT), Emídio de Souza (Itanhaém/SP), Wilma Ramos (Mogi das Cruzes/SP), Val Margarida (Campina Grande/PB), Militão dos Santos (Caruaru/PE) e Adriano Dias (Guarabira/PB).

Portanto, é perceptível que o Nordeste é identificado como um local de origens que apresenta ampla diversidade cultural, composta por manifestações que unificam povos e gerações e que atribuem valores significativos às experiências e vidas de cada região.

## 2 METODOLOGIA

Utilizamos nesta pesquisa a abordagem qualitativa, com a intencionalidade de responder a questões particulares, com foco numa realidade que não pode ser quantificada. Esta abordagem trabalha com um universo de múltiplos significados, motivos aspirações, crenças, valores e atitudes. De outra parte, no âmbito da pesquisa qualitativa, não se vê na subjetividade obstáculo à construção de conhecimentos científicos; antes nesse tipo de abordagem, considera-se a subjetividade parte integrante da singularidade do fenômeno social (Minayo, 2000).

A abordagem da pesquisa é documental, informada essencialmente pela interpretação dos documentos a partir da leitura da literatura científica de referência. De acordo Gil (2008, p. 177), “a manipulação qualitativa dos dados durante a análise é uma atividade eclética; não há uma única maneira de fazê-la. Embora se reconheça a importância de um arcabouço metodológico sólido, não se pode dispensar a criatividade do autor”

O objetivo principal consistiu em relatar e explicitar reflexões acerca de experiências vivenciadas por alunos do 4º ano do Ensino Fundamental – Anos Iniciais – durante o estudo sobre a importância da valorização da cultura regional. O referido estudo possibilitou aos educandos conhecer e reconhecer a riqueza cultural e sua região, favorecendo o desenvolvimento da tolerância e respeito com outras culturas.

Os instrumentos utilizados para o alcance dos objetivos propostos foram questionários, observações das atividades executadas em sala de aula e registros fotográficos das produções realizadas pelos alunos, oportunizando ao leitor um potencial diálogo com a temática pesquisada. Ademais, a fundamentação teórica dispõe de revisão bibliográfica que elenca alguns estudiosos de arte importantes, e pesquisa de campo, baseada em visita à Vila do artesão e a Feira da Prata, em Campina Grande – PB.

### **3 ARTE E CULTURA NORDESTINA: A EXPERIÊNCIA VIVENCIADA COM OS ALUNOS DO 4º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Considerando o ensino da arte, arte na BNCC e as práticas artísticas na escola, não podemos deixar de enfatizar a relação que as várias linguagens artísticas têm a oferecer ao aluno, oportunizando reflexão crítica, apreciação, subjetividades, descobertas, pertencimento e a contextualização histórica.

No entanto, a BNCC, em seu formato, acabo por definir o ensino da arte numa educação padronizada, e nesse sentido há muitas inquietações que perpassam pela forma de como está sendo apresentada, de acordo com Mouffe (2003); “é necessário desenvolver novo modelo de pluralismo.”

A BNCC nega esse leque de possibilidades que o ensino da arte proporciona aos alunos nas séries iniciais, pois corre o risco de enrijecer o currículo. Para BIELTA (2013), “o resultado da aprendizagem se torna posse de quem aprende.” Seguindo essa ideia, Mello (2014) afirma que; “o conteúdo é indispensável na formação plena quando é construído na relação aluno-professor.” Analisando por essa vertente não dá para pensar no ensino da arte unificado, pois vivemos em um país plural de extensão continental, onde cada região possui suas tradições e especificidades manifestadas. Por isso, o aluno da região nordeste, não pode ficar somente com noções de uma produção do sul e do sudeste, como sendo única apontada no currículo, como já foi no passado, ou seja, ter que conviver com a negação ou quase nada de seu saber artístico cultural, em detrimento de outras regiões.

Visando a preocupação de valorizar e reconhecer as manifestações culturais do Nordeste, surgiu a proposta de pesquisa através do projeto proposto pela escola da rede privada de Campina Grande, intitulada “De Geração em Geração: Tudo é Cultural!”. A escolha pelo tema Arte e Cultura Nordestina: A experiência vivenciada com os alunos do 4º ano do Ensino Fundamental, possibilitou o conhecimento de diferentes formas de expressão cultural, como danças, músicas, pinturas, comidas típicas, origem dos festejos juninos, etc., por acreditar, segundo Ribeiro (2002), que as festas juninas são símbolos da cultura e da memória social, assim, favorecendo a ampliação do conhecimento dos alunos sobre sua própria cultura, valorizando seus conhecimentos prévios e fortalecendo o espaço de troca de opiniões, experiências e desenvolvimento da tolerância e respeito as diferentes manifestações artísticas e culturais.



Para a execução das aulas, elaborou-se um planejamento em conjunto com a equipe pedagógica da escola, que apoiou e contribuiu positivamente no tocante ao estudo da proposta temática. As ações do projeto envolveram diversas estratégias interdisciplinares com foco nas áreas de conhecimento Linguagens e Ciências Humanas, relacionando-as diretamente e principalmente aos componentes curriculares Arte, Língua Portuguesa, História e Geografia, objetivando que os educandos vivenciem uma aprendizagem significativa para tornarem-se seres sociais críticos-reflexivos, considerando que as diversas áreas de conhecimento possuem semelhanças e contribuem para o cotidiano e formação do indivíduo. Sobre a interdisciplinaridade, Trindade (2008) afirma:

Mais importante do que defini-la, porque o próprio ato de definir estabelece barreiras, é refletir sobre atitudes que se constituem como interdisciplinares: atitude de humildade diante dos limites do próprio saber, sem deixar que ela se torne um limite; a atitude de espera diante do já está estabelecido para que a dúvida apareça e o novo germine; a atitude de deslumbramento ante a possibilidade de superar outros desafios; a atitude de respeito ao olhar o velho com o novo, ao olhar o outro e conhecê-lo, reconhecendo-se; a atitude de cooperação que conduz às parcerias, às trocas, aos encontros, mais das pessoas que das disciplinas, que propiciam as transformações, razão de ser da interdisciplinaridade. Mais que um fazer, é paixão por aprender, compartilhar e ir além. (TRINDADE, 2008, p.73)

Compreende-se, então, que a busca pela construção do saber dos alunos, através da pluralidade das áreas do conhecimento, trata-se de algo inovador que visa fragmentar o processo de produção e socialização do conhecimento apresentado e construído na escola, bem como levar os alunos à contextualização reflexiva deste aprendizado, em relação ao cotidiano e interação entre teoria e prática. Ademais, apesar dos aspectos supracitados elencarem um campo pouco explorado, o planejamento desenvolvido para a execução do projeto os abarcou e apresentou resultados positivos.

Portanto, a disponibilidade de aulas para o desenvolvimento do projeto ficou distribuídas em 12 aulas, 4 por semana iniciadas no mês de junho. Na **primeira aula** aplicada (horário de História), houve uma explanação sobre o projeto, discussão sobre o mês de junho e suas comemorações, bem como considerações acerca do conceito de cultura e sua ligação com a arte, destacando sua importância na vida humana desde os tempos primórdios, quando o homem ainda não dominava a escrita, utilizando os desenhos nas cavernas para se comunicar, expressar e expandir a sua



Na **segunda aula** (horário de Língua Portuguesa), em uma roda de conversa, a pesquisa realizada em família sobre a importância de preservar a cultura regional do Nordeste foi compartilhada, propiciando aos alunos um momento de troca de experiências: a maioria expôs os resultados com os colegas, enquanto poucos discentes relataram que não puderam trazê-los devido à falta de oportunidade de falar com os pais, em decorrência do pouco tempo ou demandas de trabalho dos responsáveis. Contudo, o momento foi muito proveitoso, pois cada um teve a oportunidade de falar e compartilhar a sua opinião diante dos ouvidos atentos dos outros; inclusive, aqueles que não trouxeram a pesquisa participaram prontamente.

Compreendemos que as obrigações do dia a dia nos deixam sobrecarregados, porém é importante e indispensável que toda a comunidade escolar tenha ciência do real objetivo do estudo de artes em sala de aula, valorizando a disciplina da mesma forma que as demais.

A História da Festa Junina foi o conteúdo trabalhado na **terceira aula** (horário de Língua Portuguesa). Por meio de projeção, os alunos assistiram ao vídeo de uma reportagem apresentada pela TV Itararé acerca da temática. Após o momento multimídia, os discentes foram incitados a relatarem suas impressões sobre a origem dos festejos juninos. Em seguida, a turma participou de um momento prático: os alunos foram divididos em grupos; cada grupo ficou responsável por escrever com as próprias palavras, em cartazes, partes da história desta comemoração, produzindo, também, desenhos e colagens com a temática junina. Estes cartazes foram expostos nos corredores da instituição, recebendo validação de toda a comunidade escolar. (Imagem 4 e 5)

Imagem 4.

Produção textual/Desenho e colagem com em grupo – temática junina.



Fonte: Arquivo Pessoal, 2022.

Imagem 5  
 Conclusão do trabalho em grupo.  
 Produção sobre a “Origem da Festa Junina”.



Fonte: Arquivo Pessoal, 2022.

Na **quarta aula** aplicada (horário de geografia), o conteúdo de Geografia e a temática do projeto se entrelaçaram através dos textos “Os produtos que consumimos” e “O trabalho no campo” (Imagem 6), possibilitando a introdução do tópico que abordou a origem das comidas típicas. Após a leitura e discussão, os alunos realizaram uma atividade do livro didático, que propunha que eles desenhassem um alimento típico da região de sua preferência no livro didático, e escrevessem qual a matéria-prima e sua origem. Em continuidade à aula, discutiu-se sobre a relação entre o campo e a cidade, que resultaram numa produção textual com o lema dos trabalhadores e trabalhadoras do campo “Se o campo não planta, a cidade não janta”, traduzindo, assim, a importância dessas pessoas para o abastecimento dos setores urbanos e geração de matéria-prima de inúmeros produtos essenciais à comunidade.

Imagem 6  
Conteúdo de Geografia atrelada a temática – Origem das comidas típicas.

### Os produtos que consumimos

Consumimos em nosso dia a dia vários produtos e serviços. Comemos frutas, verduras, arroz, pão, usamos calçados, roupas, aparelhos eletrônicos, vamos à escola, ao dentista e ao médico, e utilizamos meios de transporte para nos deslocarmos.

A produção dessas mercadorias envolve diferentes trabalhos em distintos setores. Os produtos são obtidos pela exploração dos recursos naturais, ou seja, a matéria-prima. As matérias-primas podem ser de origem vegetal, mineral ou animal.

As de origem animal e vegetal são recursos naturais renováveis, que podem ser recuperados na natureza, por isso, se os utilizamos com responsabilidade, repondo-os, não se esgotam.

O papel de que são feitos nossos livros e cadernos vem da madeira, uma matéria-prima de origem vegetal. Se replantarmos as árvores cortadas, podemos sempre renovar nossos estoques de madeira. Assim, essa matéria-prima não se esgota.

Contudo, vale lembrar que não é o simples fato de plantar essas árvores que garante seu uso sustentável. É preciso pensar no tempo que demora para as árvores crescerem e na velocidade com



Produtos para consumo em supermercado.



### O trabalho no campo

É do campo que são retiradas as matérias-primas que abastecem os setores urbanos. As principais atividades desenvolvidas no campo são a agricultura, a pecuária e o extrativismo, que pode ser de origem vegetal, animal ou mineral. Essas atividades pertencem ao setor da economia denominado primário.



Atividade agrícola.



Atividade pecuária.



Atividade extrativista.

### Agricultura

A agricultura é o trabalho responsável pelo preparo da terra, pelo cultivo e pela colheita de alimentos como feijão, arroz, batata, milho, cenoura, entre outros, essenciais à nossa alimentação e à dos

## De onde vêm os produtos que eu consumo

### Principais tópicos

- Relação campo e cidade
- Circulação de produtos e pessoas
- Transformação da matéria-prima


### Objetivo de aprendizagem

- Compreender os fluxos que ocorrem entre o campo e a cidade, identificando os processos industriais e a circulação de produtos e pessoas.



### Origem dos produtos

Os produtos que são consumidos por nós são desenvolvidos em diferentes setores da economia e em diferentes lugares de produção, como no campo e na cidade. Acompanhe a charge:



1. Quais produtos você consegue identificar que têm origem no campo?
2. E quais são produzidos na área urbana, em indústrias, fábricas, laboratórios etc.?
3. Qual relação você consegue estabelecer entre os produtos do campo e da cidade?

Fonte: Arquivo Pessoal, 2022.

Observamos que os assuntos como: o campo, o trabalho no campo, a origem dos alimentos, as feiras, foram tratados com certa superficialidade pelos autores do livro, não mencionando a região nordeste como exemplo, assim, podemos constatar que editores (as) e autores (as) dos livros didáticos quase nunca buscam correlacionar os assuntos com as vivências e experiências de cada região. Padronizam o ensino como se as práticas fossem iguais para todos. Seria interessante que as instituições escolares do Nordeste assumissem um novo olhar, postura e trabalho de reconhecimento para a valorização da sua própria cultura priorizando modelos que busquem retratar melhor a cultura regional.

Ainda na quarta aula, uma atividade impressa foi enviada para casa: uma pesquisa a ser realizada juntamente aos familiares do aluno, sobre a comida típica que a família costuma fazer ou degustar nos festejos juninos (Imagem 7). É importante

destacar que as atividades em família constituem uma excelente oportunidade para reforçar a parceria desta com a escola, a importância de contribuir para o aprendizado colaborativo e a intencionalidade de resgatar a memória afetiva como um ponto de união entre as pessoas. Nesse contexto, esta atividade visa lembrar que a festa junina é uma comemoração da família, momento em que todos se reúnem para a devoção e o compartilhar do alimento típico.

Imagem 7  
Atividade impressa sobre a temática – Comidas típicas



Fonte: Arquivo Pessoal, 2022.

A **quinta aula** (Língua Portuguesa) dispôs de uma roda de conversa, onde os alunos compartilharam as receitas de família, que, em seguida, foram recolhidas pela professora e direcionadas ao setor de digitação para a montagem de um livro de receitas juninas típicas. A turma ficou muito entusiasmada com a proposital surpresa de que as receitas fariam parte de um livro e que elencaria como autoria o nome do aluno ou aluna que as trouxeram. Em seguida, foi solicitado que os discentes sugerissem nomes para o livro de receitas, a fim de eleger o melhor em uma votação.

Entre muitas opções, o título que a turma escolheu foi: Sabor da nossa cultura (Imagem 8).

Observa-se a valorização que a professora dá aos momentos de socialização durante as aulas, ouvindo atentamente cada aluno e permitindo o direito de escuta e de fala de todos, reforçando o respeito as opiniões contrárias.

Essa dinâmica é fundamental no desenvolvimento do indivíduo. Somos seres sociais e a interação com o outro é de suma importância para desenvolvermos aspectos de respeito ao próximo, troca de experiências, empatia e afetividade.

Imagem 8  
Livro contendo receitas familiares de pratos típicos junino.



Fonte: Arquivo Pessoal, 2022.

A **sexta aula** (Arte) não se deteve apenas ao livro culinário, pois, durante a apresentação das receitas, os alunos puderam conhecer um pouco mais sobre a origem das comidas típicas juninas, compreendendo que muitas receitas foram adaptadas pelos índios e africanos que habitavam o país, utilizando, além do milho, a macaxeira, o amendoim e o coco. Essa mistura de culturas e sabores originaram preparos como o pé de moleque, a paçoca, o bolo de macaxeira e a canjica.

Os alunos também puderam realizar a pintura com tinta guache no aventalzinho de papel Kraft, para, após secagem, montarmos a caixa de papel para envolvermos o livro de receitas juninas. (Imagem 9)

Imagem 9  
Pintura com tinta guache no papel Kraft.



Fonte: Arquivo Pessoal, 2022.

Na **sétima aula** aplicada, o conteúdo do componente curricular História relacionou-se novamente com a proposta do projeto. A partir da abordagem de atividades manuais das comunidades antigas, presente no livro didático adotado, foi possível estabelecer um paralelo com o artesanato regional, possibilitando aos alunos a identificação da atividade comercial e seu impacto na história das sociedades e culturas. Eles também compreenderam que os primeiros artesãos surgiram no período Neolítico, quando o homem aprendeu a polir a pedra, a fabricar a cerâmica e a tecer as fibras animais e vegetais. No final da aula, foi solicitado que os alunos trouxessem de casa, se possível, algum objeto artesanal para demonstração junto à turma.



Imagem 9  
Atividade impressa sobre Artesanato Regional e a Feira da Prata/



Fonte: Arquivo Pessoal, 2022.

A oitava aula (horário de Língua Portuguesa) do planejamento foi destinada à exposição das peças artesanais trazidas pelos alunos, que foram poucas, e à elaboração da entrevista direcionada aos artistas da Vila do Artesão, local visitado na aula seguinte. Os alunos elaboraram dez questões, mas antes, eles estudaram o gênero textual: Entrevista. (Imagem 10)

Imagem 10  
Ficha de entrevista para a visita à Vila do Artesão.

**Visita à Vila do Artesão**  
**Entrevista**


10. Você acha importante preservar a cultura da nossa região?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_



Fonte: Arquivo Pessoal, 2022.

Na **nona aula** realizamos uma visita à Vila do Artesão. Todos os alunos estavam ansiosos e, para muitos, seria o primeiro passeio com a turma. Em fila, com o apoio da professora e da equipe pedagógica que os acompanhou, os alunos demonstravam encantamento com o local, enquanto visitavam cada chalé e solicitavam permissão para entrevistar e fotografar os artesãos. O reconhecimento das raízes culturais e sua valorização foi gratificante nesta experiência. (Imagem 11)

Imagem 11  
Aula de campo – Visita à Vila do Artesão – Campina Grande/PB



Fonte: Arquivo Pessoal, 2022.

Em um dos chalés, as crianças conheceram Dona Carminha, uma artesã que as convidou para uma viagem histórica acerca de uma pedra vulcânica que tritura o milho, transformando-o em fubá. Ela relatou que, antigamente, os europeus traziam essas pesadas pedras no lastro das caravelas a fim de evitar que as embarcações tombassem em alto mar e trocá-las com os moradores do Brasil por gado, pau-brasil e ouro. Neste período, os ancestrais usavam o pilão para tritura o milho que seria servido às suas famílias e animais, processo que foi facilitado com a chegada da pedra vulcânica, pois esta possui uma cavidade no centro, onde o milho é depositado; conforme a pedra vai sendo girada, o milho é quebrado, sendo dispensado em forma de pó pelas laterais. Os alunos ficaram maravilhados com esta invenção, o moinho de pedra, que, embora demande muito esforço físico, facilitou a vida dos antigos habitantes brasileiros.

Imagem 12  
Chalé de Dona Carminha – Pedra Vulcânica.  
Visita à Vila do Artesão – Campina Grande/PB



**Fonte:** Arquivo Pessoal, 2022.

O acesso à Vila do Artesão é gratuito para todos os visitantes e propicia apreciação e comercialização de incríveis trabalhos produzidos por artesãos da terra,

que transformam simples matérias-primas em obras de arte. Ademais, a simpatia, o acolhimento e a história dos artistas da Vila agregam valores e significados inestimáveis a cada trabalho, tornando uma visita ou aquisição uma experiência única.

Ao final da visita à Vila do Artesão, a turma encaminhou-se à Feira da Prata, a segunda maior e mais tradicional feira de Campina Grande-PB. Localizada no bairro da Prata, oferece expediente em todos os dias da semana, embora o movimento mais intenso seja aos domingos. Nesta oportunidade, os alunos puderam conhecer um importante espaço de comercialização dos produtos da agricultura familiar, além de um espaço de socialização e identidade regional e cultural.

Feiras livres são componentes essenciais na vida de municípios rurais e dos agricultores que os abastecem. Têm, sempre, características marcadamente locais, associadas à cultura e às tradições dessas comunidades. [...] Os feirantes ocupam espaços bastante reservados para suas trocas periódicas, que não são regulados somente pelas normas que vigoram nos grandes mercados, mas pautados pela particularidade, pela solidariedade, pela informalidade que resultam da sedimentação histórica dessas relações locais. (RIBEIRO, 2007, p. 57).

Na Feira da Prata, os alunos conversaram com uma comerciante que trabalha no local há mais de cinquenta anos e que todos os dias, de domingo a domingo, abre o seu comércio de hortifruti. Foi um momento enriquecedor para todos, principalmente para os alunos, que puderam correlacionar o que foi visto na teoria em sala de aula e a valorização da cultura popular. (Imagem 13 e 14)

Imagem 13  
Aula à Campo – Visita à Feira da Prata. Cidade de Campina Grande/PB



Fonte: Arquivo Pessoal, 2022.

Imagem 14  
Aula à Campo – Visita à Feira da Prata  
Cidade de Campina Grande/PB



Fonte: Arquivo Pessoal, 2022.

Quando o passeio foi concluído e os alunos retornaram à escola, relataram, em uma roda de conversa, suas impressões, sentimentos, o que gostaram (ou não), o acharam interessante, etc. Após este rico momento de compartilhamento, houve sorteio de brindes doados pelas artesãs, o que deixou a turma em alvoroço e propiciou um bom desfecho àquele dia inesquecível para os alunos.

A temática da oitava aula planejada foi “A arte Naif”, que deixou os alunos muito curiosos por desconhecerem o termo. Nesse cenário repleto de curiosidade, a aula foi iniciada com a projeção de um vídeo (<https://www.youtube.com/watch?v=msDUaVdN34U>) da artista plástica Val Margarida, exibido originalmente no programa Diversidade, da TV Itararé. Após esta exibição, os alunos mostraram-se admirados com a riqueza das obras e compreenderam que para ser um artista naif não é necessário dominar técnicas de

sombreamento e proporções apreendidas em escolas de arte, pois este fazer é liberto de qualquer saber acadêmico, configurando-se como um tipo de arte popular.

A intencionalidade da **décima aula** (horário de História) consistiu em os alunos identificarem o estilo libertário da arte naif e sua importância para a cultura imaterial paraibana, além de conhecerem os principais artistas, algumas de suas obras e a representação regional. Nesse contexto, houve a conquista de entrelaçar as obras de Val Margarida (Campina Grande/PB), Adriano Dias (João Pessoa/PB) e Militão dos Santos (Caruaru/PE) com a musicalidade dos festejos juninos, através de pinturas que abordam cenas do cotidiano nordestino e elementos das festas juninas. Este momento foi oportuno para os alunos colocarem em prática os conhecimentos adquiridos acerca da arte naif e expressar-se enquanto artistas e indivíduos dotados de criatividade, através de uma atividade impressa (Imagem 15) que solicitava a criação de um desenho formando uma linda festa junina. (Imagem 16)

Imagem 15

Atividade impressa – O que é Arte Naif

Projeto - De geração em geração: Tudo é cultural  
**O QUE É ARTE NAIF?**

**ARTE NAIF** é um termo usado para designar um tipo de arte popular e espontânea.  
A palavra *naif* de origem francesa significa algo que é "ingênuo ou inocente".  
Esse tipo de arte possui características baseadas na simplificação dos elementos e costuma exibir grande quantidade de cores, valorizando a representação de temas cotidianos e manifestações culturais do povo.

**Arte Naif é reconhecida como patrimônio cultural da Paraíba**

Marcada pela diversidade de cores e tonalidades fortes, e desenvolvida quase sempre por artistas autodidatas, a Arte Naif agora é patrimônio cultural imaterial da Paraíba.  
Guarabira é reconhecida como "Capital Cultural da Arte Naif". A cidade é berço, também, de alguns dos principais nomes da Arte Naif no Brasil, como Adriano Dias, Marby Silva, Madriano Basilio e Clóvis Júnior.

Observe, abaixo, algumas obras de Adriano Dias.



Fonte: Arquivo Pessoal, 2022.

Na atividade de criação em Artes Visuais, podemos destacar que o desenho é uma atividade muito prazerosa e, se bem conduzida, pode ser um momento mágico, além de que, ao desenhar ele também está pensando, comunicando-se, resolvendo problemas e aprendendo. Por isso, é interessante criar situações especiais para esta

atividade, não a deixando apenas para as “horas livres”, ou quando elas concluíssem uma atividade de outros componentes curriculares considerados mais importantes.

Imagem 16  
Criação de desenhos na perspectiva naif sobre os festejos juninos.



Fonte: Arquivo Pessoal, 2022.

Na **décima e primeira aula** (horário de Língua Portuguesa), com o apoio da equipe pedagógica, a turma recebeu a artista naif, <sup>2</sup>Val Margarida (Imagem 17). Este momento foi muito esperado pelos alunos, que estavam ansiosos e curiosos para obterem mais conhecimento sobre a expressão artística que não se enquadra nos

<sup>2</sup> Professora do Centro de Educação (CEDUC) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

moldes acadêmicos nem com as formas convencionais de composição ou com o tradicionalismo das cores. Na ocasião, os alunos tiveram a oportunidade de questionar a artista sobre sua vida e obra. Ela, por sua vez, pôde compartilhar o seu amor pela arte e explicou que vem de uma família de artistas: seu pai, Zé do Pife, é um dos principais artistas populares da cidade de Campina Grande – PB.

Imagem 17  
Visita da Artista Plástica Naif, Val Margarida (Campina Grande).



Fonte: Arquivo Pessoal, 2022.

Ao final da discussão, a professora agradeceu a disponibilidade que se propôs, a artista plástica, com tanta gentileza e prazer, conceder um momento tão rico e enaltecedor para o conhecimento artístico dos alunos e todos os envolvidos. Val Margarida recebeu cartões de agradecimento produzidos pelos alunos antes do momento da visita.

As obras de Val Margarida já foram selecionadas para a Exposição Internacional de Arte Naif, ao lado de outros grandes pintores deste movimento artístico, como Waldomiro de Deus e Américo Poteiro (Goiás), Fátima Camargo e Waldecy de Deus (São Paulo), Willi de Carvalho (Minas Gerais), Tereza Martorano (Santa Catarina), Adriano Dias e Tito Lobo (Paraíba), Maria Tereza Braz (Portugal) e Rafael Leon (Alemanha). Ainda, algumas de suas criações foram disponibilizadas pela própria pintora para serem expostas temporariamente na escola.

Com um amplo arcabouço artístico em mãos, a professora ornamentou um dos pátios da escola, oportunizando a todo a comunidade docente e discente da instituição



um olhar reflexivo e contemplativo diante das telas, como também possibilitando a exploração do campo imagético e dos elementos relacionados à cultura popular existentes nelas (Imagem 18). Durante os dias de exposição, foi possível perceber alguns alunos e professores admirados, encantados, surpresos com a liberdade de criação. Assim, é primordial inferir que:

A arte cria sentidos para ler o cotidiano, apresenta maneiras de superar o comum e aprofundar-se nas ideias sobre o convívio social. Ela é uma possibilidade de criar sentidos ao já posto, de transcender a realidade, abrindo frestas para a imaginação criadora. Essa magnífica capacidade humana de imaginar permite alterar o cotidiano ou, pelo menos, encontrar espaços para compreender de outra maneira a realidade que nos cerca. (PEREIRA, 2014, p. 5-6)

Imagem 18  
Exposição no espaço escolar das obras da artista plástica,  
Val Margarida (Campina Grande).



Fonte: Arquivo Pessoal, 2022.

Na **décima e segunda aula** planejada (horário de arte), o tema permaneceu Arte Naif.

Observou-se que o método de ensino triangular proposto por Ana Mae Barbosa (2007) foi alicerce pedagógico para a aula acontecer, pois segundo essa estudiosa da metodologia do ensino a arte visuais no contexto escolar, diz:

“O que a arte na escola principalmente pretende formar o conhecedor, fruidor, decodificador da obra de arte. Uma sociedade só é artisticamente desenvolvida quando ao lado de uma produção artística de alta qualidade há também uma alta capacidade de entendimento desta produção pelo público. (BARBOSA, 2007, p.33).

Sua proposta objetiva um desenvolvimento além das cópias, da “livre-expressão”, do ato de “deixar-fazer”. Para Barbosa, a arte deveria ser algo mais, portanto, propôs apreciar, contextualizar e produzir como elementos essenciais para o desenvolvimento da criança.

A triangulação composta por “contextualiza”, “fruir” e “fazer” aconteceram a partir do processo de criação da artista plástica Val Margarida obra intitulada “Lampião e Maria Bonita”. A referida artista, disse em momento de visita à escola que gosta de representar as personagens de seus quadros com a cor preta porque acha importante a representatividade e porque nos constituímos, enquanto povo brasileiro, em maioria negros..

A “contextualização” aconteceu no primeiro momento da aula que a professora iniciou uma conversa com os alunos sobre os aspectos da tela, as cores, qual o cenário, quem eram as personagens, se já tinham ouvido falar em Maria Bonita e Lampião, e os alunos foram interagindo, compartilhando suas experiências e conhecimento em relação a tela. Dessa forma, surgiram alguns comentários interessantes, como:

(Gabriel, 9 anos). “Ela representou o sertão com flores”.(Esther, 9 anos). “Ela pintou ela e o marido no sertão, porque o cabelo é igual ao dela”.(Rafael, 9 anos). “Ela pintou eles da cor preta, porque ela nos contou que acha bonita a cor negra”. (Ana Luiza, 9 anos). “Das armas saem flores representando a beleza”.(Luís, 9 anos). “Ela representou a nossa cultura nordestina”.

Percebe-se, então, que os alunos estavam atentos à obra e ao momento de conversa com a artista, já que lembraram algumas de suas considerações e apontaram detalhes importantes da obra analisada.

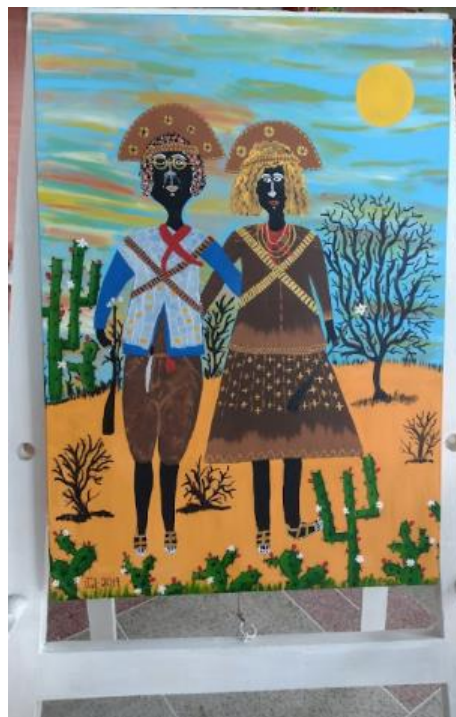
O “fruir” se deu a partir dos aspectos sensoriais dos alunos (visão e tato), iniciando pela observação do quadro exposto no meio da sala para que todos pudessem visualizar e chegar perto da tela, alguns tiveram o interesse em tocar a tela sentindo algumas nuances das pinceladas. (Imagem 19)

O “fazer” ficou por conta da releitura em quadros de isopor cobertos por uma camada de massa corrida e lixando-as para uma superfície lisa possibilitando desenhar e pintar neles.

Em suma, o trabalho pedagógico permitiu que os alunos pudessem desenvolver aspectos como sensibilidade, a percepção, a expressividade, a espontaneidade, a consciência de si, do outro. Os resultados foram belíssimos e gratificantes (Imagem 20).

Imagem 19

Obra analisada pelos alunos, intitulada “Lampião e Maria Bonita (2019)”



**Fonte:** Arquivo Pessoal, 2022.

Imagem 20  
Releitura da obra intitulada “Lampião e Maria Bonita (2019), Val Margarida”.



**Fonte:** Arquivo Pessoal, 2022.

Embora a aula tenha ocorrido conforme o planejamento proposto, notou-se que não foi possível a conclusão da atividade artística no horário previsto da aula tendo que ser interrompida para a próxima aula. Como já mencionamos neste texto, a interrupção do trabalho por conta do pouco tempo de aula de arte limita o potencial do trabalho artístico realizado pelos alunos, considerando que a redução da carga horária

para uma aula, normativa da BNCC, constitui um dos principais entraves e ocasiona prejuízos pela falta de tempo para trabalhar as especificidades e demandas pelos conteúdos referentes à disciplina.

Concluindo o planejamento, no décimo primeiro dia, houve a montagem de um cenário enaltecendo a cultura regional e expondo ao público as produções artísticas dos alunos, tais como: origem das comidas típicas e degustação de cocada (Imagem 21); exposição com a temática escolhida pelos alunos para o livro de receitas juninas da família (Imagem 22); exposição dos livros de receitas dentro de uma caixa de papel com o formato de avental e miniaturas de colheres de pau no bolsinho da frente, com intuito de simbolizar a culinária regional (Imagem 23).

O mês era junho e a culminância do projeto consistia em uma grande festa junina em que as famílias estavam presentes, bem como seus convidados. A escola recebeu um grande público que presenciou danças, comidas e brincadeiras típicas, demonstrando significativa aquisição do conhecimento e resgate da cultura nordestina.

Imagem 21

Exposição de comidas típicas, informações sobre a origem e degustação de cocada.



**Fonte:** Arquivo Pessoal, 2022.

Imagem 22  
Exposição da temática escolhida pelos alunos para o livro de receitas juninas da família.



Fonte: Arquivo Pessoal, 2022.

Imagem 23  
Exposição dos Livrinhos "Receitas de Família (São João) – Sabor da Nossa Cultura!"



Fonte: Arquivo Pessoal, 2022.

Torna-se evidente que vivemos em um mundo de pluralidades culturais, da diversidade e isso deve ser vivenciado, valorizado e respeitado dentro das instituições de ensino. Para Candau e Moreira:

Por bem ou por mal, a cultura é agora um dos elementos mais dinâmicos – e mais imprevisíveis – da mudança histórica no novo milênio. Não deve nos surpreender, então, que as lutas pelo poder sejam, crescentemente, simbólicas e discursivas, ao invés de tomar, simplesmente, uma forma física e compulsiva, e que as próprias políticas assumam progressivamente a feição de uma política cultural. (CANDAU; MOREIRA, 2007, p. 20).

Sendo assim, as raízes culturais de um povo são primordiais para a preservar suas origens, para afirmar sua identidade e seu pertencimento à sua região. Essas raízes culturais, sociais e familiares são elemento de importância na formação da identidade e da personalidade do indivíduo.

## 4 CONCLUSÃO

O presente trabalho objetivou apresentar o relato de experiência no espaço escolar: sala de aula, durante o desenvolvimento do projeto na sobre a importância da valorização da cultura regional do Nordeste, com foco nas áreas de conhecimento Linguagens e Ciências Humanas (História, Geografia, Arte e Língua Portuguesa), com olhar mais direcionado para a área de artes.

Com este estudo algumas reflexões foram apontadas tais como, por exemplo, a importância de mantermos essa modalidade de ensino, “Arte e Cultura”, presente em nossa sociedade, principalmente no ensino regular formal. Constatamos que para desenvolver um bom trabalho na área educacional, o professor deve estar atento aos interesses, vivências, linguagens e práticas de vida de seus alunos.

O educador, deve, portanto, buscar a educação da sensibilidade, ajudar os alunos a tornarem-se mais flexíveis na sua relação com as possibilidades de interpretação e criação, favorecendo, desta forma, a aprendizagem. Deve refletir sobre si mesmo, sobre seu trabalho, sua prática, estar sempre em busca do seu desenvolvimento, conciliando a teoria com o contexto social da comunidade onde atua.

Nessa perspectiva, é de suma importância que se preze por uma formação que valorize o pluralismo cultural, para que os profissionais da educação trabalhem em seu campo de atuação de maneira prudente. Sabemos que não há como alcançar um aprendizado efetivo se não for dada a devida atenção às diferentes formas do aluno vivenciar, perceber e conhecer o mundo. Para que as coisas façam sentido os alunos precisam estabelecer conexões externas e internas, e é exatamente nesse ponto que o ensino da arte se mostra relevante. Por isso, o contato com as manifestações artísticas e culturais no ambiente escolar contribui para o seu desenvolvimento. Ana Mae Barbosa (2012) destaca como é importante o contato da criança com a arte, explica como é o processo de conhecimento, envolvendo a inteligência, o raciocínio, o lado afetivo e o emocional, que estão fora do currículo escolar.

Durante as observações das aulas, percebemos o quanto as atividades elaboradas em grupos e socializadas entre eles gera o conhecimento de si e o reconhecimento do outro como um ser igualmente dotado de características que o tornam único. Por meio de suas produções, conseguem acessar seus sentimentos e expressá-los. Os benefícios que a arte proporciona para o desenvolvimento do aluno



são inúmeras, uma área riquíssima, pois da mesma forma que ensina conteúdos relacionados a ela, desenvolve possibilidades que ajudarão o aluno a ser melhor em outras disciplinas e em seu dia a dia, enquanto pessoa.

## REFERÊNCIAS

- 1º e 2º graus, e dá outras providências. Brasília, DF: 1971. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L5692.html](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L5692.html). Acesso em: 07 jul. 2022.
- ALVES, Nilda. Sobre a possibilidade e a necessidade curricular de uma Base Nacional Comum.
- ANPED (2015). Ofício n. 01/2015/GR. Exposição de Motivos sobre a Base Nacional Comum
- ARROYO, Miguel G. Currículo, território em disputa. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- AZEVEDO, Fernando de. Novos caminhos e novos fins: a nova política de Educação no Brasil.
- BARBOSA, Ana Mae. Arte-educação no Brasil. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- BARBOSA, Ana Mae. Inquietações mudanças no ensino da arte. 2º ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- BRASIL (1971). Lei 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de
- BRASIL (1996). Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.html](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.html). Acesso em: 07 jul. 2022.
- BRASIL (1997). Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação.
- BRASIL (1997). Parâmetros curriculares nacionais. Brasília. v. 6: Arte. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf>. Acesso em: 04 jun. 2016.
- BRASIL (2016). Base Nacional Curricular Comum (Proposta Preliminar – Segunda versão). Ministério da Educação. Disponível em: <file:///C:/Users/BETOPERES/Downloads/BNCC052016.pdf>. Acesso em: 20 maio 2016.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category\\_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192) Acesso em: 19 de junho de 2019.
- BRASIL. Ministério da Educação (2014). Planejando a próxima década: conhecendo as 20 metas do PNE. Disponível em [http://pne.mec.gov.br/pdf/pne\\_conhecendo\\_20\\_metas.pdf](http://pne.mec.gov.br/pdf/pne_conhecendo_20_metas.pdf). Acesso em: 10 out. 2014.
- BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais. Brasília, 1: Introdução. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2022.

BUORO, Anamelia Bueno. O olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2000. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1931.

Curricular. Disponível em:  
file:///C:/Users/BETOPERES/Downloads/Documento%20da%20ANPED-e-  
AbdC%20sobre%20a%20BNCC.pdf. Acesso em: 30 maio 2016.

D'AQUINO, Flavio. Artes Plásticas I: Biblioteca Educação é Cultura. Rio de Janeiro: Bloch: FENAME, 1980.

Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/a-importancia-cultura-no-processoaprendizagem.htm#:~:text=Conforme%20exposto%20podemos%20considerar%20que,diferentes%20disciplinas%20do%20curr%C3%ADculo%20escolar.> Acesso em 13 jul. 2022.

Disponível em:  
[https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO\\_EV127\\_M D1\\_SA1\\_ID1430\\_05092019181604.pdf](https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO_EV127_M D1_SA1_ID1430_05092019181604.pdf). Acesso em 18 de jul. 2022.

FAEB. (2015). Ofício n. 06/2015/FAEB. Análise do componente ARTE da Base Nacional Comum Curricular aberta à consulta pública. Disponível em: file:///C:/Users/BETOPERES/Downloads/FAEB%20oficio%2006%202015%20(1).pdf. Acesso em: 11 dez. 2015.

FARIAS, Ingrid Rodovalho de. CORREIA, Jucileide Maria. **O ensino da arte nas séries iniciais**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano. 06, Ed. 10, Vol. 07, p. 35-47. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/ensino-da-arte>. Acesso em 22 jul. 2022.

FERRAZ, Maria Heloísa C. De T.; FUSARI, Maria F. De Rezende. Arte na educação escolar. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

GATTI, Angelina; BARRETO, Elba de Sá. Professores do Brasil: impasses e desafios. Brasília: Unesco, 2009.

GOODSON, Ivor F. Currículo, teoria e história. 13. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012.

KONDER, Leandro. A questão da ideologia. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

MACEDO, Elizabeth. Base Nacional Curricular Comum: novas formas de sociabilidade produzindo sentidos para educação. Revista e-Curriculum, São Paulo, v. 12, n.03 p. 1530-1555 out/dez 2014.

Metodologia do ensino de arte: fundamentos e proposições. 2ed. São Paulo: Cortez, 2009. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/datas-comemorativas/festa-junina.htm>. Acesso em 23 jul. 2022.

PEDROSA, Sebastião. O Artista Contemporâneo pernambucano e o ensino da arte. Recife: MXM Gráfica & Editora Ltda e Editora Universitária da UFPE, 201

Revista e Currículum, São Paulo, v. 12, n.03 p. 1464-1479, out/dez 2014.

Revista e-Currículum. (2016). Políticas públicas para o Ensino da Arte no Brasil: o perde e ganha das lutas. Disponível em: <http://www.aeol.com.br/2016/01/ana-mae-informa-politicas-publicaspara.html>. Acesso em: 30 fev. 2016.

Revista e-Currículum. Redesenhando o Desenho: educadores, política e história. São Paulo: Editora Cortez, 2015.

RIBEIRO, Darcy. O Povo Brasileiro: A Formação e o Sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

RIBEIRO, E. M. (coord). Feiras do Jequitinhonha: mercados, cultura e trabalho de famílias rurais no semi-árido de Minas Gerais. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2007.